



# O PENSAMENTO ESTRATÉGICO MILITAR SOVIÉTICO

N.F. Lavenère-Wanderley

*Tenente Brigadeiro (ex-Chefe do Estado Maior das Forças Armadas)*

**N**o presente artigo não se trata de definir ou caracterizar o que seria lógico, racional ou sensato para a ação e a estratégia militar dos soviéticos; desejamos, apenas, fornecer ao leitor os elementos para que ele compreenda qual é, atualmente, o pensamento estratégico militar dos chefes soviéticos e como eles pretendem agir no caso de ser desencadeada uma guerra nuclear de âmbito mundial; para isso procuramos utilizar, o mais possível, a palavra dos próprios autores militares, estrategistas e chefes soviéticos.

## I -- ALGUMAS FONTES MAIS IMPORTANTES

Entre as fontes mais importantes, para a análise do pensamento estratégico militar soviético, podem ser citadas:

a) o livro "Estratégia Militar Soviética" ("Soviet Military Strategy") de autoria do Marechal da União Soviética V.D. Sokolovskiy, ex-Chefe do Estado Maior das Forças Armadas Soviéticas de 1953 a 1960; o livro "Estratégia Militar Soviética" foi, desde 1968, traduzido para o inglês e publicado nos Estados Unidos da América; a última edição, a de 1975, foi publicada pela Editora "Crane, Russak and Co., Inc. — 347 Madison Avenue, New York, N.Y." e é considerada a mais completa, com comentários e comparações com os textos das edições anteriores publicadas na União Soviética.

O livro "Soviet Military Strategy" do Marechal Sokolovskiy é considerado o mais importante, entre os publicados na União Soviética depois da II Guerra Mundial, para o estudo do pensamento militar soviético.

O livro original do Marechal Sokolovskiy, publicado no idioma russo, tinha o título "VOYENNAYA STRATEGIYA" ("Estratégia Militar"), e foi contemplado com o "Prêmio Frunze" destinado, anualmente, à melhor obra sobre estratégia militar ou história militar;

b) o "Pensamento Militar Soviético" ("Soviet Military Thought") que é uma coleção de livros soviéticos traduzidos e publicados, a partir de 1973, pela Força Aérea Norte-Americana; entre esses livros podem ser citados:

(1) - "The Offensive" (A Soviet View) por A.A. Sidorenko ("Doctor of Military Science") - U.S. Government Printing Office - Washington, D.C. - 1973 - Série "Soviet Military Thought" nº 1;

(2) - "Marxism-Leninism on War and Army" (A Soviet View) por B. Byely - U.S. Government Printing Office - Washington, D.C. - 1974 - Série "Soviet Military Thought" nº 2;

(3) - "Scientific-Technical Progress and The Revolution in Military Affairs" (A Soviet View) por um grupo de Oficiais-Generais - U.S. Government Printing Office - Washington, D.C. - 1975 - Série "Soviet Military Thought" nº 3;

(4) - "The Basic Principles of Operational Art and Tactics" (A Soviet View) por V. Ye. Savkin - U.S. Government Printing Office - Washington, D.C. - 1974 - Série "Soviet Military Thought" nº 4;

(5) - "The Philosophical Heritage of V.I. Lenin and Problems of Contemporary War" (A Soviet View) - U.S. Government Printing Office - Washington, D.C. - 1974 - Série "Soviet Military Thought" nº 5;

c) os artigos publicados na revista "VOYENNAYA MYSL'" ("Pensamento Militar"), principalmente a série de artigos publicados a partir de 1960 sobre "problemas da guerra futura e nova doutrina militar soviética" que passou a ficar conhecida como "Coleção Especial"; a referida revista é sigilosa e destina-se à leitura de oficiais da alta hierarquia das Forças Armadas e do Partido Comunista Soviéticos; exemplares escolhidos dessa revista foram entregues a agentes do Mundo Ocidental pelo Coronel Soviético Oleg V. Pencovsky que, em 1962, foi preso pela KGB soviética.

Mais recentemente, 5.000 páginas traduzidas da referida revista "VOYENNAYA MYSL'", publicadas no período entre 1963 e 1969, tiveram o seu sigilo cancelado nos Estados Unidos e tornaram-se acessíveis ao público na Biblioteca do Congresso em Washington (vide "Soviet Strategy for Nuclear War" por Joseph Douglas e Amoretta Hoerber - "Hoover Institution Press" - 1979 - página 4);

d) vários livros escritos por autores norte-americanos, sobre o pensamento militar soviético, como:

(1) - "Soviet Sources of Military Doctrine and Strategy" por William Scott; editado por Crane, Russak and Co., Inc. - New York, NY - 1975;

(2) - "Soviet Strategy in Europe" por Richard Pipes; editado por Crane, Russak and Co., Inc. - New York, NY - 1976;

(3) — "Soviet Strategy for Nuclear War" por Joseph D. Douglass, Jr. e Amoretta M. Hoerber — Hoover Institution Press — Stanford University, California, USA;

(4) — "The Role of Nuclear Forces in Current Soviet Strategy" por Leon Goure, Foy D. Kohler e Mose L. Harvey — "Center for Advanced International Studies" — Coral Gables, Flórida, USA.

## II — CONCEPÇÃO DA GUERRA NUCLEAR

Os estrategistas soviéticos encaram com seriedade e objetivamente a possibilidade de uma guerra Nuclear com o mundo ocidental; eles acreditam que tal guerra não é um evento inconcebível e que, se ela for desencadeada, tomará a feição de um confronto entre duas coalizões, de um choque entre dois sistemas sociais antagônicos: o comunismo soviético e o capitalismo do mundo ocidental.

A guerra entre os dois campos opostos não se limitaria a uma troca de golpes com armas nucleares.

Os objetivos e as ações para essa guerra Nuclear seriam cuidadosamente estudados e escolhidos e as operações de todas as forças militares seriam coordenadas numa seqüência tendo em vista a destruição do potencial militar inimigo e a ocupação dos pontos estratégicos necessários.

Além das operações militares, a guerra se estenderia pelos campos econômico, diplomático, ideológico e subversivo.

Os soviéticos acreditam que a guerra nuclear total, apesar de acarretar uma enorme destruição, não significaria o fim da civilização; eles consideram que, apesar de um volume de destruições sem precedentes, seria possível vencer a guerra.

Preparar-se para lutar e vencer numa guerra nuclear é a tarefa mais importante na estratégia militar soviética; os aspectos críticos dessa preparação para a guerra envolvem a conquista da superioridade militar, tanto quantitativa como qualitativa, a começar pela capacidade em armas nucleares; envolvem o desenvolvimento e a implementação de medidas que vizem à sobrevivência após a guerra e de medidas que concorram para uma recuperação rápida do potencial econômico e militar da União Soviética, após a troca de golpes nucleares; envolvem, ainda, medidas para a ocupação e o controle dos prováveis Teatros de Operações, tanto na Eurásia como em outros continentes.

No tempo de paz relativa, o principal objetivo político-militar soviético é conseguir essa superioridade em relação às potências do Ocidente; é essencial, nesse processo de conquista de superioridade, manobrar para que os Estados Unidos da América não façam um esforço armamentista que comprometa a almejada superioridade soviética; daí a importância para a União Soviética de apresentar uma imagem que não desencadeie um maior esforço armamentista do mundo ocidental.

Julgo que aqui podemos iniciar a citação de trechos contidos em livros de alguns autores soviéticos:

"O Governo Soviético e as Forças Armadas Soviéticas devem estar prontos, primeiramente, para uma guerra mundial. . . as Forças Armadas da União Soviética e dos demais países socialistas devem estar preparados, acima de tudo, para lutar em condições de emprego maciço de armas nucleares pelos beligerantes de ambos os lados" ("Soviet Military Strategy" — Marechal Sokolovski ) Crane, Russak and Co., Inc. — 1975).

No livro "Marxism-Leninism on War and Army" por B. Biely, mandado traduzir pela Força Aérea Norte-Americana, encontramos a seguinte afirmação (página 12):

"A guerra nuclear não deve ser encarada apenas como um empreendimento técnico gigantesco — com o lançamento de uma quantidade enorme de mísseis com ogivas nucleares destinados a destruir os objetivos vitais e população do inimigo — nem como um conjunto de operações executadas exclusivamente pelas Forças Armadas.

A guerra nuclear é um processo complexo e multilateral que, além das operações militares, envolve formas econômicas, diplomáticas e ideológicas de luta; tudo a serviço e guiado pelos objetivos políticos da guerra."

O ponto de vista soviético é que a próxima guerra mundial será uma guerra total na qual a União Soviética buscaria objetivos políticos definitivos, isto é, a derrota das potências capitalistas, e será uma guerra que, rapidamente, tornar-se-á nuclear, caso já não comece com o uso de armas nucleares.

Parece que os estrategistas soviéticos acreditam que, havendo circunstâncias favoráveis, é possível ganhar a guerra nuclear, o que é francamente contrário ao pensamento dos estrategistas ocidentais, que acham que tal guerra importaria na destruição mútua definitiva das duas superpotências e dos seus aliados.

Para os soviéticos a doutrina de Lenine ainda persiste: "As ideologias dos comunistas e dos burgueses são irreconciliáveis, do mesmo modo que o são o interesse do proletariado e de todos os trabalhadores e o interesse dos capitalistas; ou um ou outro; não há campo neutro."

"Para a obtenção da vitória na guerra nuclear atual, se ela for desencadeada pelos imperialistas, é necessário destruir, simultaneamente, não somente suas Forças Armadas mas, também suas fontes de Poder Militar, seus centros econômicos importantes, seus centros de controle militar e governamental, assim como as áreas onde se acham baseados os diferentes ramos das Forças Armadas." (Coronel M. Shirokov — "The question of Influences on the Military and Economic Potencial of Warring States" na revista sigilosa "VOYENNAYA MISL" — "Pensamento Militar" — abril de 1968).

### III — A SURPRESA

A obtenção da surpresa é talvez o fator único mais importante no pensamento militar soviético.

Os soviéticos salientam a importância de que nunca mais sejam surpreendidos como o foram em 1941, com o ataque em massa dos alemães.

No caso da guerra com as potências ocidentais, os soviéticos dão grande importância à tomada da iniciativa, de modo a serem os primeiros a atacar, obtendo a surpresa se possível.

O principal objetivo do ataque inicial seria anular a capacidade das potências ocidentais, principalmente dos Estados Unidos, de desfechar um contra-ataque de grande envergadura; o principal objetivo seria conseguir que a União Soviética, depois da primeira troca de ataques nucleares, mantivesse uma nítida preponderância de armas nucleares restantes; se a guerra não terminasse após os primeiros golpes desfechados, a estratégia seria prosseguir na guerra intensificando os ataques de modo a destruir todo o potencial militar e econômico dos Estados Unidos.

Ao estabelecer as condições para a obtenção da vitória na guerra nuclear, parece que os soviéticos consideram como mais importantes os seguintes requisitos:

- obter a surpresa inicial, tomando a iniciativa;
- aumentar o ritmo dos ataques iniciais de modo a desorganizar o controle militar e governamental do adversário sobre as suas forças;
- diminuir ao máximo a capacidade de retaliação nuclear do adversário;
- destruir ou neutralizar as forças convencionais do inimigo;
- reforçar as defesas no território soviético por meio da defesa aérea e da defesa contra os mísseis nucleares lançados pelo inimigo, assim como por meio da defesa passiva civil (vide "Soviet Strategy for Nuclear War" — Douglass e Hoerber — página 18).

Os soviéticos dão a maior importância à obtenção da surpresa numa guerra; para eles, a surpresa nuclear é considerada uma condição mais importante do que a própria superioridade de forças.

No "Dicionário Soviético de Termos Militares Básicos" a surpresa é caracterizada do seguinte modo:

"A surpresa torna possível infligir no inimigo perdas pesadas em curtos períodos de tempo, paralisar a sua vontade e retirar-lhe a sua possibilidade de oferecer uma resistência organizada.

A surpresa pode ser obtida das seguintes maneiras; usando vários tipos de métodos de combate; desorientando o inimigo quanto às nossas intenções; salvaguardando o sigilo dos planos operacionais; por ações decisivas e por manobras hábeis; pelo uso inesperado de armas nucleares; e usando meios e métodos pouco familiares para o inimigo."

"Ataques nucleares maciços por meio de mísseis, visando as Forças Armadas inimigas e os objetivos econômicos e políticos chaves, podem determinar a vitória de um dos lados e a derrota do outro, logo na fase inicial da guerra. Em consequência, uma avaliação correta dos fatores que determinam a supremacia sobre o

adversário e a capacidade de acioná-los antes que ele o faça são as chaves da vitória na guerra nuclear." ("Marxism-Leninism on War and Army" — por B. Biely — traduzido e publicado pela Força Aérea Norte-Americana).

#### IV -- SELEÇÃO DE OBJETIVOS ESTRATÉGICOS

A seqüência dos ataques nucleares e seleção dos objetivos a destruir no início de uma guerra nuclear pode variar de muito, de acordo com o pensamento dos estrategistas soviéticos, os quais dão muita importância à flexibilidade no planejamento; eles são os primeiros a reconhecer que uma guerra nuclear total nunca foi travada entre duas superpotências e que os fatos podem se desenrolar de uma maneira diferente da prevista; a flexibilidade do planejamento deve permitir o reajuste adequado na conduta das operações.

Uma seqüência possível dos ataques nucleares seria como a descrita a seguir.

Os primeiros ataques nucleares teriam o caráter de grande urgência e visariam os pontos-chaves do dispositivo estratégico militar inimigo e dos seus centros políticos.

Na primeira fase seria procurada a destruição do maior número possível de objetivos nucleares fixos; visaria os silos dos mísseis nucleares e os centros de comando e controle.

Seguir-se-ia uma segunda fase, mais demorada, em que seria procurada a destruição dos objetivos nucleares móveis: os submarinos nucleares, os aviões de bombardeio de longo raio de ação e os mísseis móveis baseados em terra.

A fase seguinte seria a fase do assalto e ocupação de áreas estratégicas para completar a dominação do inimigo.

Um objetivo de guerra importante, de acordo com o pensamento soviético é a conquista ou a interdição, desde o início das operações, de pontos focais críticos e áreas estratégicas dos quais possa depender o sucesso da guerra; entre esses acham-se certas ilhas ou arquipélagos, certos estreitos e canais que constituem passagem obrigatória dos navios mercantes ou de guerra, certas áreas produtoras de matérias-primas altamente estratégicas e, em alguns casos, certos países; havendo necessidade de conquistar essas áreas, os soviéticos ignorariam qualquer tipo de "santuário" ou de neutralidade.

Fontes de petróleo e de energia elétrica condicionam o planejamento soviético, tanto na seleção de objetivos para destruição como na seleção de áreas a serem ocupadas para a recuperação econômica e militar após a guerra nuclear.

Os estrategistas soviéticos sempre admiraram a capacidade dos Estados Unidos da América de mobilizar um potencial industrial e militar quase sem limites; os soviéticos pretendem manter uma capacidade de recuperação, após as primeiras trocas de golpes nucleares, mais rápida que a dos Estados Unidos e não pretendem deixar que eles mobilizem o seu potencial.

Por isso a estratégia soviética para a guerra nuclear prevê a ocupação e o controle de áreas estratégicas de modo a não permitir a recuperação militar e econômica dos Estados Unidos.

Para os soviéticos, o cenário da guerra nuclear não é apenas a Europa permitindo que norte-americanos e soviéticos se recolham aos seus territórios para se recuperarem; o cenário, de acordo com a estratégia soviética, é mundial e abrangerá todas as áreas estratégicas que terão que ser ocupadas para impedir a recuperação norte-americana e das potências ocidentais.

O objetivo estratégico primordial é a destruição dos mísseis estratégicos equipados com ogivas nucleares; todos os alvos a serem atacados, para atingir aquele objetivo, são cuidadosamente examinados pelos soviéticos levando em consideração dois fatores básicos: primeiro a magnitude da destruição que o míssil em questão pode causar e segundo a facilidade com que ele possa ser destruído.

"Os alvos nucleares devem ser examinados e classificados de acordo com o perigo que eles representam para o atacante. Assim, um silo de lançamento já vazio, após a partida do míssil, não representa um perigo imediato porque exige um certo tempo para ser ativado com um outro míssil."

"Alvos para ataques nucleares apresentam um grau variado de vulnerabilidade; aeródromos, instalações não blindadas de lançamento de mísseis, navios de guerra nas suas bases, nós de comunicação ferroviários e instalações industriais são mais vulneráveis; instalações blindadas para lançamento de mísseis, armazéns subterrâneos de ogivas nucleares, postos blindados ou subterrâneos de comando e controle das operações e submarinos no mar não são facilmente vulneráveis.

Uma vez estabelecida a classificação dos alvos a serem atacados de acordo com a sua importância, seu grau de perigo e seu grau de vulnerabilidade, é necessário determinar a prioridade e a seqüência dos ataques; isto é especialmente importante tendo em vista o número limitado de mísseis estratégicos de que dispõe o atacante." (Major General Kh. Dzhelankhov — "Vovennaya Mysl" — nº 2 — fevereiro de 1966).

Desse modo, vemos que um alvo importante mas que é difícil de destruir pode acabar recebendo uma prioridade inferior a de um outro alvo de destruição mais fácil.

Os soviéticos se preocupam em determinar o grau de rapidez com que os norte-americanos podem lançar os seus mísseis estratégicos após uma alerta de ataque nuclear; eles procuram estudar as condições para que o prazo disponível para os norte-americanos seja o mais curto possível; daí a tentativa de instalar mísseis nucleares em Cuba; os soviéticos consideram uma grande vantagem poder lançar mísseis estratégicos de submarinos nucleares cruzando próximo ao litoral norte-americano, reduzindo desse modo o tempo disponível para a alerta; tudo numa tentativa de poder desorganizar e neutralizar os pontos de comando e controle norte-americanos, antes que eles lancem os seus mísseis estratégicos.

Numa guerra nuclear o sistema de controle das armas nucleares estratégicas assume importância capital; a falha desse sistema pode ter conseqüências desastrosas sobre a marcha dos acontecimentos e pode acarretar a derrota.

Uma das ações possíveis dos soviéticos será fazer explodir, sobre o território inimigo e a grande altitude, armas nucleares de grande megatonelagem com o objetivo de interferir de forma extensiva e profunda em todos os sistemas de rádio-comunicações e em todos os equipamentos eletrônicos.

Explosões nucleares de alta potência, realizadas a grandes altitudes, representam uma grande ameaça para os mísseis nucleares intercontinentais porque emitem impulsos de energia eletromagnética que podem interferir poderosamente nos equipamentos eletrônicos a bordo do míssil e nos equipamentos em terra e instalados nos satélites artificiais, dos quais pode depender a trajetória do míssil.

"Uma explosão nuclear de 50 megatons a uma altitude de 80 quilômetros pode provocar, devido aos seus efeitos radioativos, uma interrupção completa das rádio-comunicações ionosféricas que pode durar 24 horas e que pode se estender por uma área de 4.000 quilômetros de raio." (Coronel Engenheiro S. Voinov — "Guerra espacial e eletrônica" — "Voyennaya mysl" — n.º 9 — setembro de 1966).

"Uma grande ameaça aos mísseis balísticos intercontinentais é a das explosões nucleares de grande potência realizadas a grandes altitudes, porque os impulsos de energia eletro-magnética criados por essas explosões podem inutilizar não só os equipamentos a bordo dos mísseis como, também, o equipamento eletrônico dos complexos de lançamento dos mísseis situados em terra" (Coronel-Engenheiro N. Yegiazarov — "Tendências no desenvolvimento dos mísseis estratégicos norte-americanos" — "Voyennaya mysl" — n.º 5 — maio de 1968).

Esse efeito das explosões nucleares de grande potência a grandes altitudes poderá ser utilizado para interferir nos radares de alarme antecipado do inimigo; os soviéticos parecem ter se apercebido disso, quando, em 1961-1962, eles desrespeitaram a moratória para a execução de experiências com explosões nucleares na atmosfera, a qual tinha sido estabelecida desde 1958; depois de coletarem os dados necessários, com explosões na atmosfera de 20, 50 e mais megatons, os soviéticos concordaram logo em assinar o "Tratado de Proibição de Experiência de Armas Nucleares na Atmosfera, no Espaço Exterior e Debaixo d'Água" ("Partial Test Ban Treaty" assinado em Moscou em 5 de agosto de 1963).

"Para neutralizar o potencial estratégico do inimigo não é necessária a sua completa destruição; basta destruir os seus elementos essenciais. Para isso, há necessidade de um enorme esforço para estabelecer os critérios científicos de seleção de alvos a serem atacados e de determinação da melhor maneira de atingir os seus pontos vitais. A solução adequada desses problemas exige a participação de especialistas militares e de economistas, sociólogos, engenheiros e físicos." (A.S. Zheltov — "Problemas metodológicos de prática e teoria militares" — Traduzido pela Força Aérea Norte-Americana em dezembro de 1971).

A definição de "objetivo estratégico", de acordo com o "Dicionário de Termos Militares Básicos" soviético traduzido pela Força Aérea Norte-Americana ("Dictionary of Basic Military Terms" — "Soviet Military Thought Series" — nº 9 — U. S. Government Printing Office — 1976) é a seguinte:

"Strategicheskiv Ob'yekt" (objetivo estratégico) — Um objetivo de importância estratégica. De acordo com as condições atuais, um objetivo estratégico pode ser: armas nucleares; agrupamentos importantes de forças terrestres, aéreas ou navais; centros administrativos, políticos e econômicos; portos, bases navais e aéreas mais importantes; sistemas geradores de energia, etc. . .

## V — PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

Na literatura militar soviética a expressão "planejamento estratégico" refere-se ao planejamento que visa conseguir um estado de preparação bélica adequada para enfrentar a guerra.

O Marechal Sokolovskiy considera o planejamento estratégico como sendo o setor mais importante da Estratégia Militar, o qual abrange:

- a) o estabelecimento de conceitos estratégicos, da doutrina militar e dos métodos de combate;
- b) o desenvolvimento de uma economia de guerra e a mobilização de toda a nação;
- c) a organização, o equipamento e a mobilização dos efetivos das Forças Armadas;
- d) o desdobramento e o emprego das Forças Armadas nos vários tipos de guerra e nos vários Teatros de Operações;
- e) o estabelecimento de uma defesa adequada, incluindo a defesa civil;
- f) a manutenção do controle da nação sob condições de guerra nuclear e a recuperação da nação após os ataques nucleares desfechados pelo inimigo.

Quatro aspectos do planejamento estratégico têm importância especial para os soviéticos: a quantidade e o equipamento dos vários componentes das Forças Armadas; a reserva de armas nucleares; a mobilização da economia e a defesa civil.

Conseguir e manter uma superioridade estratégica em armas nucleares parece ser a preocupação dominante dos planejadores soviéticos.

De acordo com o livro "Estratégia Militar" do Marechal Sokolovskiy, a Força de Mísseis Estratégicos da União Soviética é a que deve possuir o mais alto grau de prontidão e deve ser capaz de, no prazo mais curto possível, destruir uma enorme quantidade de objetivos sobre vastas áreas. A Força de Mísseis Estratégicos desempenhará o principal papel para enfrentar os problemas primordiais da guerra nuclear futura.

Os mísseis suscetíveis de serem assinalados pelos satélites de reconhecimento podem representar apenas um primeiro escalão de emprego estratégico e tático na guerra nuclear; é possível a existência de um segundo escalão de mísseis e de ogivas nucleares guardadas em condições que escapem à localização pelas fontes de informação do adversário; esse segundo escalão de armas nucleares poderia estar em condições de lançamento alguns dias ou semanas após a troca inicial de golpes nucleares.

## VI – DIREÇÃO DA GUERRA

De acordo com o planejamento estratégico soviético, se a guerra for desencadeada toda a máquina estatal deve estar articulada para um esforço bélico máximo sob uma direção geral unificada.

Esse condutor da guerra, na União Soviética é, ao mesmo tempo, o Chefe da Comissão Nacional da Defesa, Comandante Supremo das Forças Armadas o Secretário Geral do Partido Comunista; é o que foi Stalin na II Guerra Mundial e é a função desempenhada atualmente pelo Marechal da União Soviética Leonid Brejnev.

O Quartel General do Comandante Supremo (STAVKA) é que o auxilia na conduta da guerra; a ele está ligado o Estado Maior Geral que é a agência executiva do Comando Supremo.

“Os meios decisivos para a obtenção dos objetivos na guerra nuclear moderna são os mísseis e as ogivas nucleares, tendo em vista o seu alcance efetivo e o seu enorme poder de destruição; o emprego adequado desses meios exige máxima centralização, no Comandante Supremo, do controle dos principais mísseis estratégicos, principalmente no período inicial da guerra; somente desse modo é possível decidir corretamente sobre questões relacionadas com a seleção e destruição dos objetivos visados pelos golpes nucleares, com a potência das ogivas nucleares, com os seus respectivos vetores, com os tipos de efeitos explosivos desejados e com a sequência e intervalo dos ataques nucleares; do Comando Supremo emanarão as ordens desencadeando e regulando os ataques nucleares; somente ao Comando Supremo pode ser atribuída a autoridade para “apertar os botões” e para ativar as principais armas da guerra.

O Comando Supremo tornou-se, assim, não só um órgão direto de supervisão mas também o executor imediato das principais missões do conflito armado.

A principal tarefa do Estado Maior Geral, na preparação da guerra moderna, é o planejamento detalhado do emprego das armas nucleares por todos os ramos das Forças Armadas.” (Major General N. Komkov e Coronel P. Shemaskiy – “Voyennaya Mysl” – nº 10 outubro de 1964).

“Um dos problemas que os soviéticos têm tido que enfrentar através dos anos é o conflito entre o controle centralizado tradicional no sistema militar soviético e considerado ainda mais importante numa guerra nuclear — e a necessidade de

uma maior independência de ação nos níveis menos elevados de comando, necessidade que é considerada, também, muito importante numa guerra nuclear.

Por outro lado, na zona de combate o cenário tende a mudar com grande rapidez e reações lentas em face das mudanças de situação podem significar a derrota, mesmo de grandes unidades.

Um grau satisfatório de iniciativa é necessário nesses níveis menos elevados de comando para fazer face a situações imprevistas que exijam decisões rápidas.

Do ponto de vista soviético esse conflito deve ser resolvido pela existência de uma doutrina clara, pelo doutrinamento sério e consistente e por um constante treinamento operacional" (Joseph Douglass, Jr. e Amoretta Hoerber — "Soviet Strategy for Nuclear War").

Na literatura soviética está claro que a decisão de ir à guerra será uma decisão política a ser tomada pelo escalão mais alto do governo; o mesmo acontece com a decisão de empregar armas nucleares; a expressão "decisão política" não tem o mesmo sentido na União Soviética e nos países do mundo ocidental onde a referida expressão tem o sentido de "decisão civil", em contraste com uma "decisão militar" que seria baseada apenas em razões de ordem militar.

Na União Soviética não há uma separação tão nítida de aspectos civis e militares de uma "decisão política" de se envolver numa guerra; na direção suprema da nação há uma maior integração entre as razões políticas e estratégicas; os soviéticos ressaltam a importância de que, no caso de uma guerra, haja uma forte intrusão dos militares no processo de tomada de decisão.

"No caso de uma guerra total impõe-se uma unidade de liderança política e militar" (Coronel M. P. Skirdo — "O povo, o Exército e o Comandante" — traduzido pela Força Aérea Norte-Americana — "Soviet Military Thought Series" — nº14).

Os líderes políticos soviéticos não são desprovidos de experiência militar; eles ocupam altos postos do Partido Comunista mas, muitas vezes, chegaram lá depois de muitos anos em funções políticas dentro das Forças Armadas e participando das campanhas militares.

O Marechal Brejnev, que atualmente é o líder supremo da União Soviética, fez toda a II Guerra Mundial nos Teatros de Operações, primeiramente como Sub-Chefe do Diretório Político da Frente Sul, em seguida como Chefe do Departamento Político do 18º Exército e finalmente como Chefe do Departamento Político da 4ª Frente Ukraniana; terminada a guerra, Brejnev participou do desenvolvimento dos sistemas de mísseis intercontinentais.

O mesmo pode ser dito do Ministro da Defesa Soviético, Marechal Ustinov, normalmente citado como civil mas que, durante a II Guerra Mundial foi "Comissário do Povo para Armamentos"; foi promovido a Coronel General durante a guerra, em 1944; foi depois "Ministro de Armamentos" e participou de programas relacionados com os mísseis intercontinentais e naves espaciais (Joseph D. Douglass, Jr. e Amoretta M — Hoerber — "Soviet Strategy for Nuclear War").

"A revolução na ciência militar tem exercido e continua exercendo grande influência na correlação das forças opostas das alianças de países; atualmente é importante levar em consideração, primeiramente, a posse de armas nucleares e dos vetores que as podem conduzir até os alvos.

Na verdade o emprego de armas de destruição em massa pode, de repente e rapidamente, alterar a correlação de todas as outras forças e potencialidades possuídas pelos adversários antes do início das hostilidades.

Isso constitui, qualitativamente, um novo aspecto no processo de buscar a vitória na guerra atual." (Coronel M.P. Skirido — "O povo, o Exército e o Comandante" — "Soviet Military Thought Series" — nº 14).

"O mais importante na visão de um líder militar é a sua capacidade de detetar as tendências básicas na evolução da luta armada. Isto lhe permite prever, com a necessária precisão, o momento em que a correlação de forças deve ser mudada." (Coronel M.P. Skirido — obra citada).

Num artigo atribuído ao Marechal Malinovskiy, escrito em 1963, o início da guerra nuclear podia ser encarado de três formas: a) — ataque de surpresa por todas as forças do mundo ocidental, o que seria uma situação a ser evitada ao máximo, pelos soviéticos; b) — ataque inicial feito pelos soviéticos, o que seria a situação mais vantajosa para eles; c) — ataque simultâneo feito por ambos os adversários, o que seria uma situação muito desvantajosa.

Isso reafirma o ponto de vista soviético de que, se houver uma guerra, grandes vantagens estarão do lado de quem atacar primeiro, principalmente se o ataque é feito de surpresa.

O ataque nuclear inicial, do ponto de vista soviético, poderia decidir o resultado da guerra; seria extremamente difícil retomar a iniciativa estratégica, uma vez que essa fosse perdida como resultado de um ataque de surpresa no início da guerra.

Como fundo de quadro para a conduta da sua estratégia nacional, a União Soviética tem que enfrentar as seguintes limitações:

- o crescimento econômico e o crescimento da população em processo de estagnação;
- o crescimento difícil na produtividade industrial;
- a necessidade de importar alimentos para compensar uma produção agrícola insuficiente;
- o decréscimo nas exportações de petróleo;
- as contestações ideológicas da China e do eurocomunismo;
- as incertezas do controle soviético sobre os países da Europa Oriental;
- as demandas do mercado de consumo do povo soviético;
- a sobrecarga representada pela manutenção dos elevados efetivos das Forças Armadas;

- a insatisfação das minorias raciais, principalmente as muçulmanas;
- a mudança da opinião mundial, ficando contra os soviéticos.

O Politburo é o órgão mais poderoso no estabelecimento da Política Nacional da União Soviética; desde 1973 o Politburo ficou fortalecido com a inclusão dos Ministros da Defesa e das Relações Exteriores e do chefe da KGB; o Politburo dispõe da assessoria, para o preparo das decisões políticas, da Comissão Central que trabalha em colaboração com o "Instituto de Economia Mundial" e o "Instituto de Estudos sobre os Estados Unidos da América e o Canadá", na análise da situação política, econômica e militar dos países do mundo ocidental.

Com a expansão pelo mundo do Poder Militar Soviético os militares estão sendo mais solicitados no processo de estabelecimento da Política Nacional Soviética; o Estado Maior Geral Soviético fornece assessoramento sobre a viabilidade do emprego do Poder Militar em áreas específicas do globo.

Além, nota-se uma mudança, na elaboração da Política Nacional Soviética, para uma liderança mais científica, com uma participação maior de profissionais e especialistas; com essa difusão do poder central, as Forças Armadas têm conseguido uma maior influência na elaboração da Política Nacional.

Nos embates posteriores à era de Stalin, os militares têm se revelado mais poderosos e a sua aliança não é desprezada pelos políticos do Politburo; o Marechal Brejnev, desde que assumiu o controle do Governo Soviético, tem estreitado as suas relações com os chefes militares do alto escalão.

As Forças Armadas Soviéticas têm conseguido um maior prestígio como instituições dotadas de integridade e recrutadas através de um sólido processo de formação profissional e ideológica.

O Estado Maior Geral goza de reconhecida autoridade e competência; apresenta os seus estudos e sua argumentação na linguagem técnica dos analistas de sistemas e do marxismo-leninismo, sendo que este último é considerado "científico" na União Soviética.

De acordo com a interpretação soviética, a Doutrina Militar é composta de duas partes; uma que determina os objetivos políticos, o caráter da guerra a ser travada e a finalidade que se procura atingir com a aplicação do Poder Militar; essa primeira parte constitui uma prerrogativa da liderança política do país; a segunda parte da Doutrina Militar abrange aspectos militares e técnicos que definem como a guerra deve ser conduzida, como as Forças Armadas devem ser organizadas e equipadas, qual o estado de prontidão e de mobilização dos diferentes componentes das Forças Armadas e quais os estoques de material que devem estar disponíveis, nos locais adequados, para as várias fases das operações; essa segunda parte da Doutrina Militar, considerada como a do Planejamento Estratégico, é da responsabilidade do Estado-Maior Geral Soviético.

## CONCLUSÃO

No mundo ocidental tem sido realizada, nos últimos trinta anos, uma análise de todas as publicações soviéticas disponíveis; o que chega às mãos dos analistas ocidentais é, porém, uma pequena parcela da documentação que circula nos meios oficiais soviéticos; essa pequena parcela é suficiente, porém, para delinear o pensamento estratégico militar soviético.

A partir da década dos anos 60, a União Soviética passou a encarar a sua segurança em termos muito mais amplos e complexos; a busca da superioridade militar e estratégica em relação às potências ocidentais passou a ser o traço dominante no pensamento militar soviético; em conseqüência, vários militares foram elevados para o círculo reduzido onde são decididas as questões políticas.

A partir de 1970 tornou-se realidade a expansão da Marinha Soviética, que adquiriu a capacidade de operar em todos os oceanos; forças aeroterrestres poderosas, dotadas de aviões de transporte com grande capacidade de carga e de grande raio de ação, tornaram-se capazes de intervenções longínquas em outros continentes, principalmente na África; a União Soviética ficou em condições de cortar as linhas de navegação marítima que levam o petróleo para o mundo ocidental.

O papel das Forças Armadas na União Soviética excede a simples defesa do país contra possíveis agressores; elas representam um apoio básico da autoridade do regime totalitário e o principal instrumento da sua política externa e interna.

As doutrinas norte-americana e soviética sobre a guerra nuclear diferem de muito; a doutrina que predomina nos Estados Unidos diz que uma guerra nuclear entre duas alianças de países que possuam um número considerável de armas nucleares seria tão destrutivas que não haveria vencedores; desse modo o recurso à guerra nuclear deixaria de ser uma opção racional; em contraste, a doutrina soviética afirma que, embora uma guerra nuclear total seja extremamente destrutiva para ambos os partidos, seu desfecho não representa um suicídio mútuo; a aliança de países melhor preparada para a guerra e que usasse uma estratégia superior poderia vencer e ressurgir como uma sociedade viável.

Admite-se, nos Estados Unidos da América, que existe apenas uma estratégia racional adequada para a era das armas nucleares e que essa estratégia é baseada no princípio da "deterrença (dissuasão) mútua".

Os soviéticos aceitam o fato de "deterrença" mas não a teoria da "deterrença"; eles não estão dispostos a tolerar, em outros, a capacidade de dissuadi-los; a expansão da sua influência e do seu poder militar pelo mundo e a derrota do capitalismo do mundo ocidental são objetivos básicos em cuja conquista não é admitida a dissuasão nuclear.

Na doutrina estratégica adotada pela União Soviética, levando-se em conta a rapidez dos acontecimentos na guerra nuclear moderna, a necessidade de não ser surpreendido pelo inimigo significa, na realidade, a necessidade de surpreendê-lo.

Existe algo de muito perigoso no fato de o mundo ocidental considerar a guerra nuclear como inexeqüível e suicida para ambos os adversários enquanto que a União Soviética julga esse tipo de guerra exeqüível e vencível.